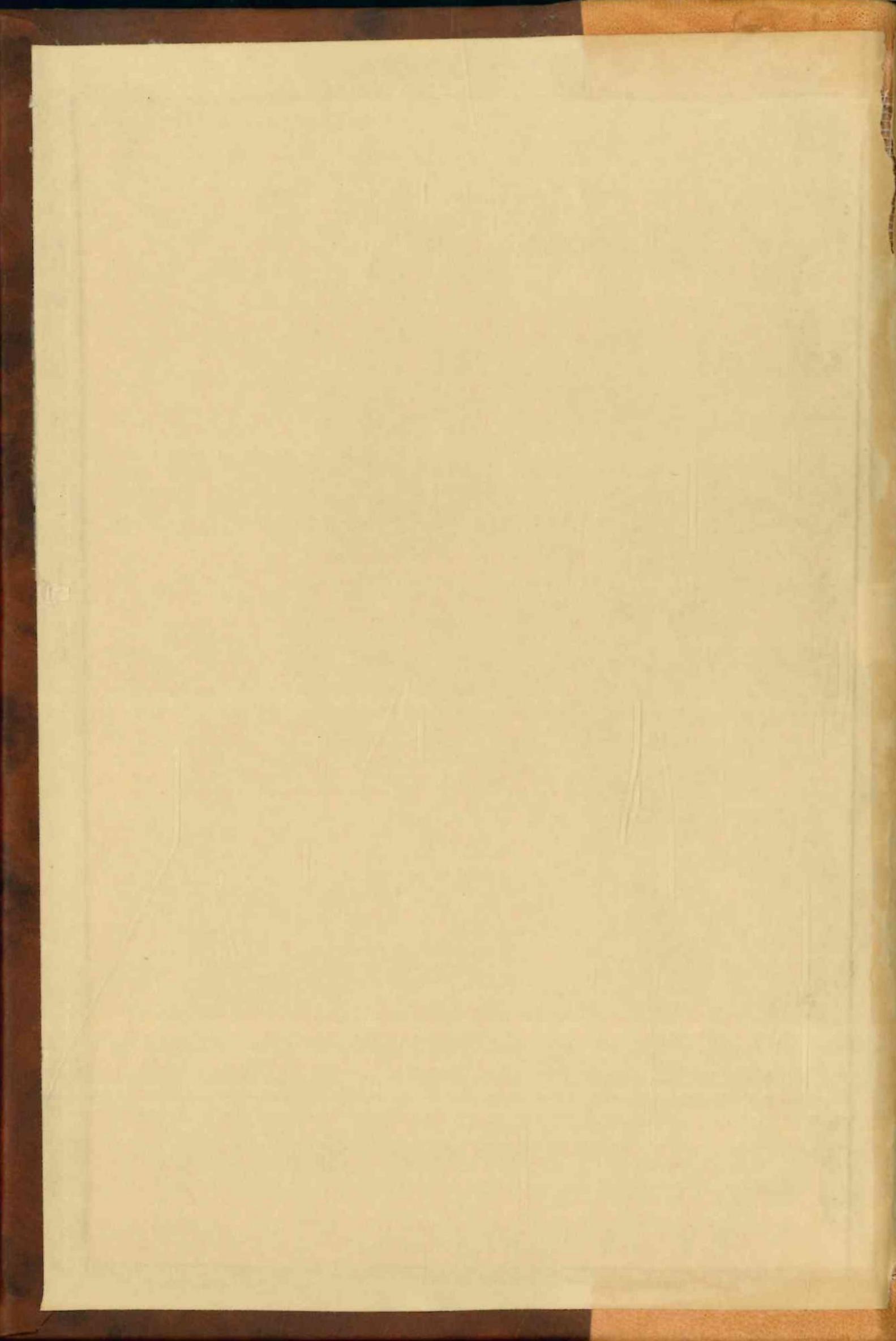
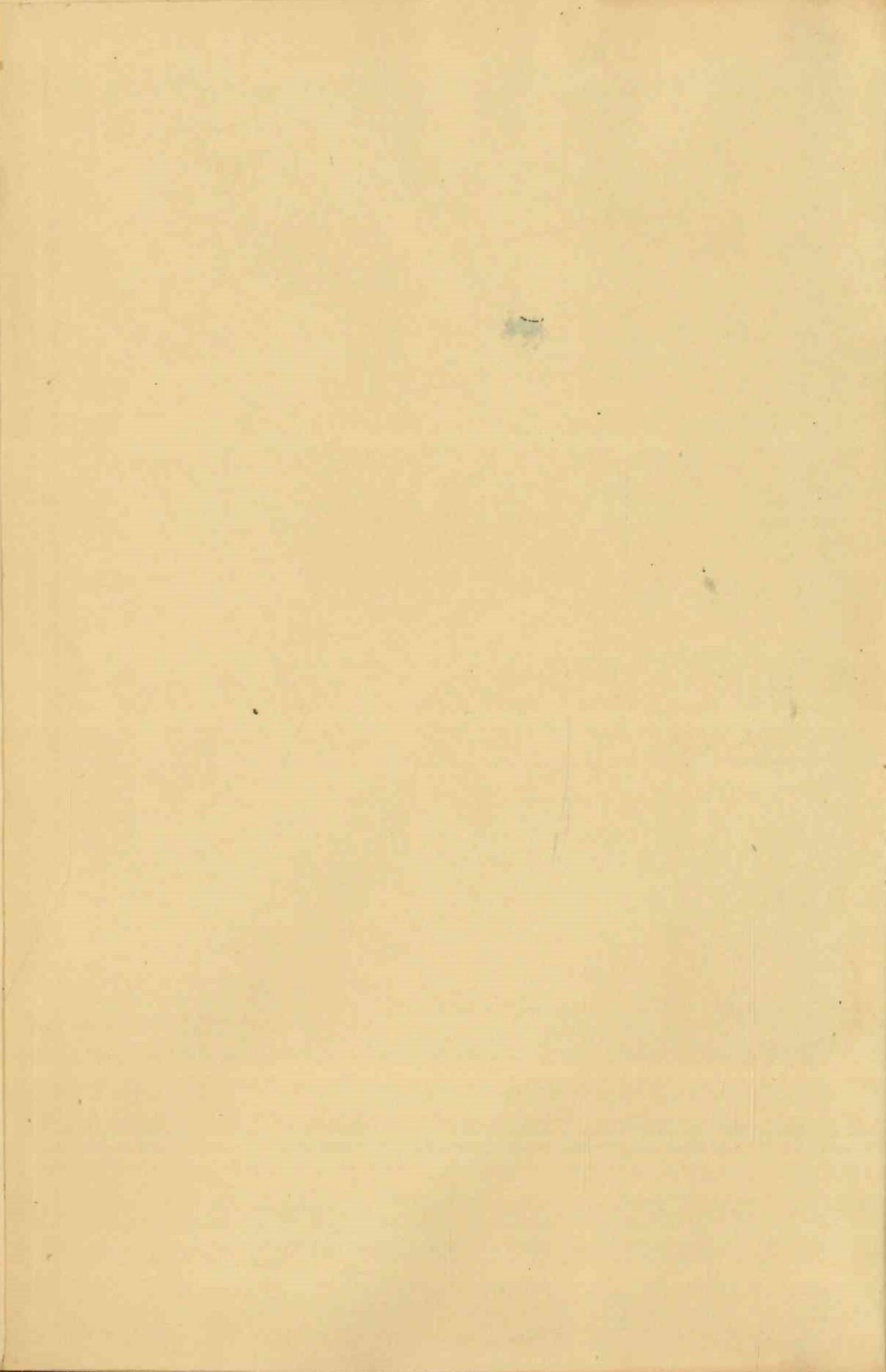




8.9(469.13)

A





Collecção Silva Vieira

TRADIÇÕES POPULARES

da

PROVÍNCIA DO DOURO

RECOLHIDAS POR

João Vieira d'Andrade

(1883)

578

B



Typ. Espozendense
Espozende

—
1903

*Volume offerecido á Biblioteca da
Escola Primaria Superior de Barce-
los, por José da Silva Vieira.
Espozende, 5-12-22.*



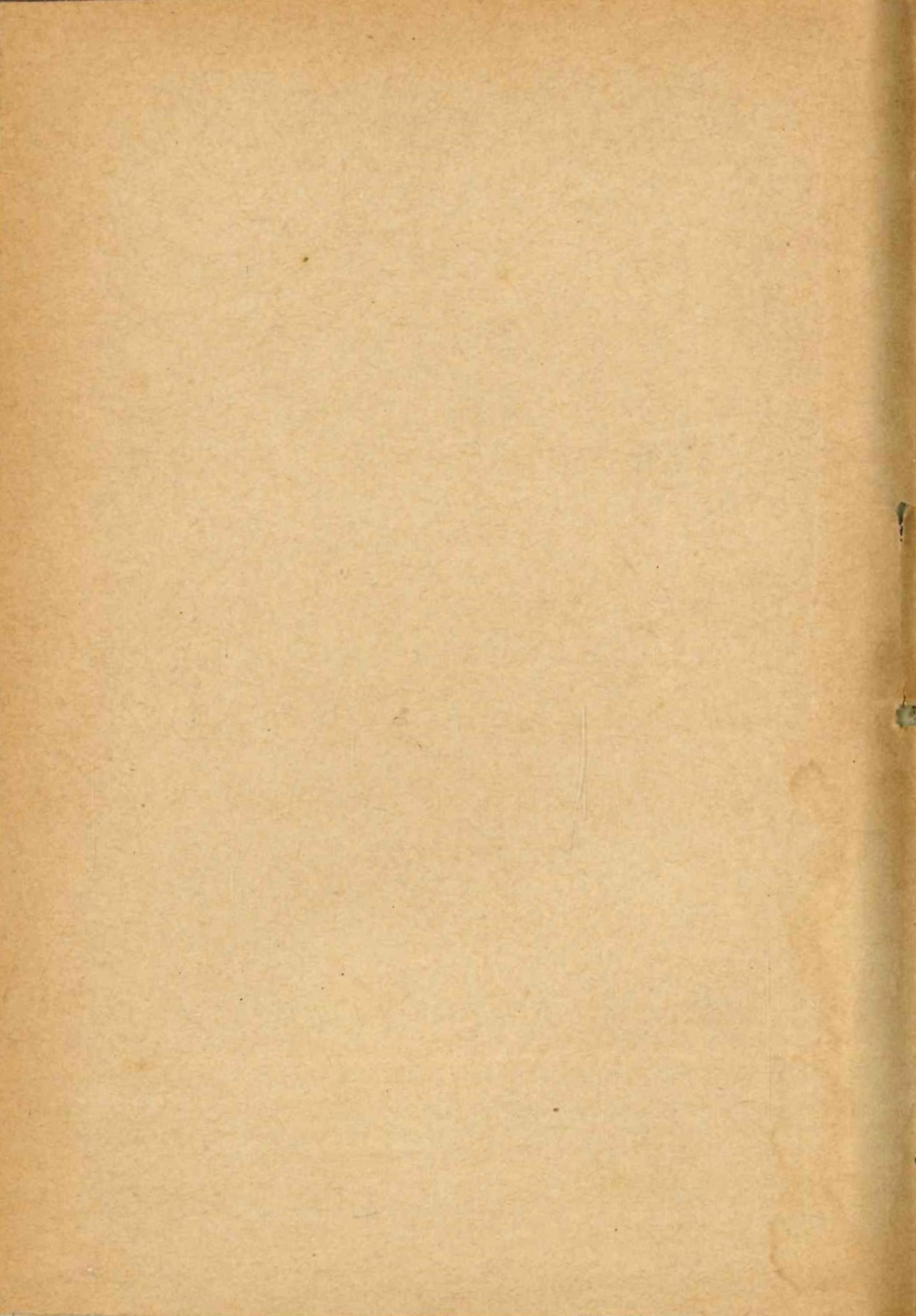
TRADICÕES POPULARES DA PROVÍNCIA DO DOURO



Q.S.A. 1-23



Bonalione
Perini



Collecção Silva Vieira



TRADIÇÕES POPULARES

da

PROVÍNCIA DO DOURO

RECOLHIDAS POR

José Vieira d'Andrade

(1883)



Typ. Espozendense
Espozende

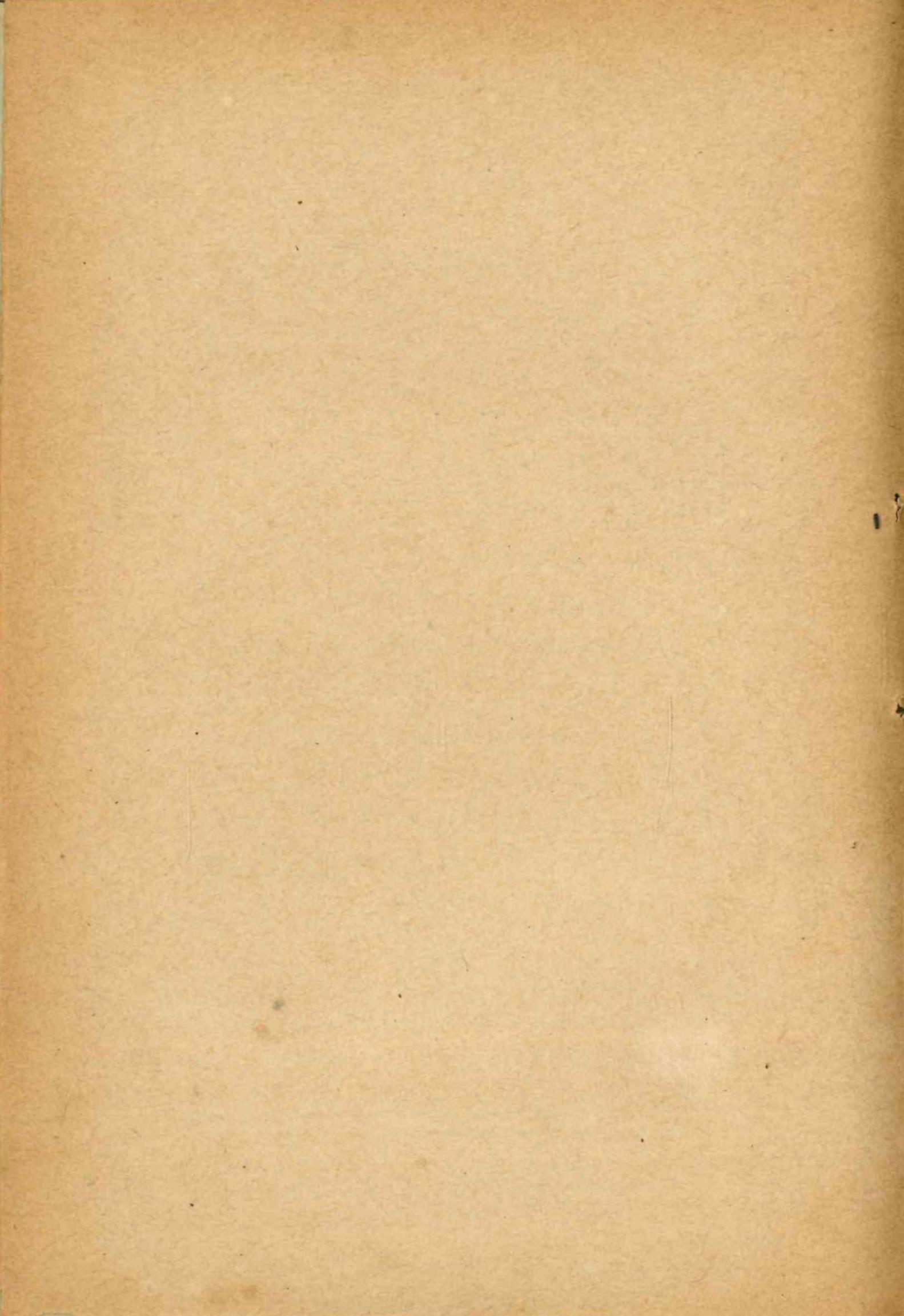
—
1903

G. M. B.
BIBLIOTECA

Extracto da "Aurora do Cavado,"

No anno de 1883 publi-
camos em folhetins na «Au-
rora do Cavado», sob a epi-
graphe «Tradições Popula-
res da Provincia do Douro»,
um apreciavel trabalho do
sr. João Vieira d'Andrade.
Voltámos agora a reprodu-
zil-o, que não tem por fór-
ma alguma diminuido o in-
teresse, por aquella epocha
dispertado entre nós, pelos
estudos folk-loricos.

Rodrigo Velloso.



Não me cançarei em demonstrar a importancia das tradições populares, consideradas como documentos sociologicos: ella está plenamente demonstrada pelo grande numero de escriptores, que em todos os paizes cultos fazem do folk-lore assunto especial de investigação. Portugal não tem ficado estacionario, por quanto apresenta já uma lista relativamente grande de folk-

loristas, como: Adolpho Coelho, Theophilo Braga, Leite de Vasconcellos, Consiglierre Pedroso, Alvaro d'Azevedo, Adelino Nunes, Estacio da Veiga, Reis Damaso, Teixeira Bastos, Thomaz Pires, Sequeira Ferraz, etc.

Certo é que nem todos se podem dedicar, exclusivamente, aos estudos folkloricos, já por falta de conhecimentos especiaes, que posto muitos os julguem inuteis, são indispensaveis ao folklorista; já por que a actividade intellectual d'um povo não se pode applicar a um unico assumpto: é preciso que a escala dos conhecimentos humanos seja cultivada attentamente para se

chegar ao desejado fim:—á sua prosperidade. Todos podem, porém, contribuir com materiaes para que taes estudos se façam. E' com tal intuito que me tenho dado, com cuidado, ao trabalho de recolher do povo tudo o que possa interessar aos cultores do Folk-Lore. Uma parte dos resultados colhidos foi publicado pelo meu amigo e distinto folklorista Leite de Vasconcellos no seu interessante livro «Tradições Populares de Portugal»; (1) outra parte publico-a agora.

Começarei pelas rimas

(1) Porto, 1882: Livraria Portuense, edit.
Preço 500 reis:

populares, assumpto ainda pouco explorado entre nós. Muitos dos nossos folkloristas tem publicado, nas suas collecções, pequenas amostras; os trabalhos de maior vulto, que eu saiba, são devidos a Adolpho Coelho, e Leite de Vasconcellos; infelizmente foram publicados em revistas estrangeiras, (2) e nas nossas bibliothecas é desnecessario procurá-las. A liberalidade do meu amigo Leite de Vasconcellos devo o poder, consultar estas revistas e outras obras, o que impede que pu-

(2) *Zeitschrift fur romanische Philologie; Archivio per le studio della tradizione populari.*

blique, pelo menos em parte, o que já outros publicaram; a utilidade que d'isto resulta é palpavel: esta compilação torna-se assim um como que appendice aos estudos dos citados folkloristas.

Quanto ao modo por que colligi os materiaes, devo dizer que nada alterei, e conservei sempre a fórmula e linguagem em que foram dictados.

Notando o lugar onde os colhi não quero mostrar que sejam exclusivo d'esses lugares: muitos d'elles já os ouvi em differentes partes.

João Vieira d'Andrade.

RIMAS POPULARES

I

N'esta especie, os nomes de pessoas
dão uma grande contingencia; o fim d'-
estas rimas é ridicularisar, como:

- 1) A minha Amela (Amelia)
Está na caneca;
Tão pequenina
A tocar rabeca.

(Porto)

- 2) Antonio Camarono,
Bota os gatos ao demono.

(Arcozello)

3) Anna, Magana,
Rabeca, Suzana
Pariu um menino
Debaixo da cama,
Não quer que lhe bula,
Não quer que lhe toque,
Nariz patoque. (3)

(Id.)

4) Anna Ganilha está doente
Do mal que le dura sempre.
Mandou chamar o padre cura
Pr'a le dar a dependura;
Padre cura chegou a caza
Arrumou-a là p'r'um canto,
Deitou-a em cima d'um banco,
Deu-le co'a fava,
Deu-le co'a ervilha,
Deu-le co'o mal
Da Anna Ganilha.

(Id.)

5) Anna Magana,
Rabo de cana:
Fita burmelha
Rabo de ovelha.

(Carvalhos)

(3) Cf. Adolpho Coelho—*Romances e rimas infantis in Zeitschrift*. III pag. 195; Leite de Vasconcellos *Archirio I* pag. 582.

6) Carlos Neto tinha um cão;
Em casa não tinha pão,
Nem na praça tinha créto (credito)
Cag... o cão para Carlos Neto.
(Arcozello)

7) Ó Diogo,
Vae ver s'a gallinha tem ovo.
(V.^a N.^a de Gaia)

8) Ó Domingos,
Leva no cù.. dois pingos.
(Id.)

9) Francisco
Perdeu-se na caza.
Achou-se no cisco,
Atraz da burralha
A jogar a bugalha.
(Coimbrões)

10) Francisco
Varre a caza,
Deixa o cisco.
(Arcozello)

11) Francisco
Perdeu-se na palha,
Achou-se no cisco.
(Carvalhos)

12) Francisquinho'
Pingarilhinho,
Alimpa-me bem
Que tenho monquinho.

(Carregosa)

13) Joaquim pim, pim
Bota a corda ao poço,
Bota a culpa a mim.

(Coimbrões)

14) João Carramão,
Mata carneiros
E vende sabão. (4)

V.^a N.^a de Gaia)

15) João Carramão,
Come ranho
Com sabão.

(Carvalhos)

16) João,
Parte o pão.

(Arcozello)

17) João Carramão
Come papas de farelo
Adubadas com sabão.

(Id.)

(4) Cf. Coelho id. id.; Vasconcellos id.
pag. 577.

18) Joanna
Faza cama.

(V.^a N.^a de Gaia)

19) Luiz
Com esta p...
Foi que t'eu fiz.

(Id.)

20) Manoel
Carrápichel,
Tira a rolha,
Lambe o mel.

(Arcozello)

21) Manoel;
C. de batel,
Vae ao vinho
Vae ao mel.

(Id.)

23) Maria,
Rabo d'inguia
Pega na roca e fia. (5)
(V.^a N.^a de Gaia)

22) Maria
Rabo d'inguia,
S'o teu melro canta
O meu assobia.

(Arcozello)

(5) Coelho id., id.

24) Maria,
Fecha a porta enquanto é dia,
Que lá vem um bicho morto
Que te leva o passaroto.

(Carvalhos)

25) Maria, cotovia,
Abre a porta que é de dia,
Q' lá vem um bicho morto
Que te vae ao passaroto.

(Coimbrões)

26) Maria,
Rabo d'inguia,
Salta na forca
Verás tua tia.

(Arcozello)

57) Ó Pilinha (alcunha)
Põe o ovo,
Qu'a menina
Papa-o todo.

(V.^a N.^a de Gaia)

28) Rita Caganita,
Leva o p... á botica
Embrulhado n'um papel.
Para dar a Manoel;
Manoel não o quiz
Deu-lhe um p... no nariz (6)

(Arcozello)

29) Ó Threza,
Põe a meza.

30) Vicente,
C... na cama;
Rapa co'o dente.

(V.^a N.^a de Gaia)

31) Zè Carramè,
Leva os gatos á maré,
Enfiados numa linha
Pr'a tocar a campainha
Dlim, dlim, dlim... (7)

(Id.)

(6) Cf. Vasconcellos id. pag. 572.

(7) Cf. Coelho id. id. Vasconcellos id.
pag. 572.

II

1.º Para fazer zangar os sapateiros,
além d'outras formulas, como: «O Mun-
do é largo», etc. dizem-se as seguintes:

a) Sapateiro,
Remendeiro
Cada ponto
Cada p... (8)

(Id.)

(8) Cf. Vasconcellos *Tradições popula-*
res, pag. 231.

b) Sapateiro,
Remendeiro
Come as tripas
D'um carneiro,
Bem lavadas
Mal lavadas
Que te corram
Pelas barbas.

(Carregosa)

c) Está um sapateiro
No Largo da Sé:
Com solas e viras
E seu tirapé.

(Arcozello)

d) Está um sapateiro
No largo do Rato
Faz obra bem feita
E muito barato.

(Jd.)

e) Está um sapateiro
Em Cima do Muro
Faz obra bem feita
E muito seguro.

(Id.)

f) Está um sapateiro
No largo da Batalha
Pr'a botar meias solas,

Todo s'escangalha.

(Id.)

g) Ó sardão, pão quente.
Arreganha o dente,
Anda cà para fóra,
A ver quem é mais valente.

(Coimbrões)

h) Está um sapateiro
No Largo do Carregal
Novo não faz;
Mas concerta mal.

(Id.)

i) Lá está outro
No Largo do Bomfim.
Faz sapatinhos,
Não são para mim.

(Coimbrões)

j) Lá está outro,
No Largo da Batalha,
Faz sapatinhos,
Aparados á navalha.

(Id.)

k) Lá está outro
Na Rua de Traz
Faz sapatinhos
Cá para o rapaz.

(Id.)

l) Sapateiros, alfaiates
E' uma corja de ladrões:
Sapateiros roubam sola,
Alfaiates os botões.

(V.^a N.^a de Gaia)

m) Sapateiros das Cangostas
Que fazeis ao que ganhaes?
Trazeis a mnher descalça,
Nem uns sapatos le daes!

(Carvalhos)

2.º PARA OS ALFAIATES

a) Alfaiates num são homes
Nem se le pode chamar:
Ero sete a uma aranha
Num na poderão matar.

(V.^a N.^a de Gaia)

b) Sapateiros, alfaiates,
Tudo é farei, farei;
Para matar uma aranha
Gritaro: aquedelrei (aqui d'el rei)(9)
(Coimbrões)

c) Sapateiros, alfaiates
E' uma corja de ladrões;
Alfaiates roubam panno,

(9) Cf. Vasconcellos id. id. pag. 133.

Sapateiros os tacões.

(V.^a N.^a de Gaia)

3.^º PARA OS FERREIROS

a) Ferreiro da maldição
Tens forja num tens carvão.

b) Ferreiro
Faze um prégo,
Sem dar o isqueiro?

(Arcozello)

c) Ferreiro, ferreirão,
Tem forja, num tem carvão.
Ha-de ir pr'a a Porta de Carros
Pr'a tocar o rantantan.
Rantantan, rantantan... .

(Id.)

d) Ferreiro da maldição,
Quando tem ferro,
Falta-lhe o carvão.

(Carregosa)

4.^º PARA OS TROLHAS

Trolha
Mirolha,
Tapa o c.
Co' uma rolha.

(Passim)

5.^º PARA OS PEDREIROS

Pedreiro limpa o c. a uma pedra;
Coça o c. e rapa a m.....

(Carvalhos)

6.^º PARA OS CARECAS

a) O careca

Cahiu ao poço
Encheu-se de m....
Até o pescoco.

(V.^a N.^a de Gaia)

b) O careca cahiu ao poço

Outro careca o botou,
Outro careca le disse:
Careca quem te botou.

(Id.)

7.^º PARA OS QUE TEM CABELLO RUÇO

Ruço de má pello,
De má casta
E má cabello.

(Id.)

8.^º PARA OS PERÚS

O perú é velho.
Inda quer casar;

Tem a faldra rota,
Vae-a arremendar.
Grû, grû, grû...

(Id.)

9.º PARA OS SARDÕES

a) Sardão pinto,
Põe-te cá fóra,
Q'o teu pae
Morreu agora
C'o uma faca de latão,
Que le chegou ao coração. (10)
E depois arreganhasse os dentes.

(Arcozello)

b) Sardão pinto
Põe-te cà fóra,
Q'o teu pae
Morreu agora
C'o uma sacca de dinheiro,
Que roubou ao carniceiro.

(Carvalhos)

c) O sardão,
Pão quente,

(10) Cf. Th. Braga—*Jogos populares infantis* in *Era Nova*, pag. 359.

Arrebita o rabo
Corre atraç da gente.

(Carregosa)

d) Sardão, pão quente,
Arreganha o dente
Sae cá fóra,
Eu co'um pao, e tu co'o dente,
A ver quem é mais valente.

(Oliveira d'Azemeis)

e) Sardão, pão quente,
Arreganha o dente,
Anda cà pr'a fóra,
A ver quem é mais valente.

(Coimbrões)

III

Os rapazes para se enganarem usam,
entre outras formulas, das seguintes:

- 1)—Tres vezes nove?
—Vinte e sete.
—O qu' o burro tem
—No c. t'o espete.

(Carvalhos)

- 2)—Cinco e cinco?
—Dez.
—Vae ao diabo
Que te corra aos pontapés.

(V.ª N.ª de Gaia)

3)—Cinco e cinco?

—São dez.

O teu pae

Tem quatro pés.

(Guetim)

4)—Dez e dez?

—Vinte.

—Vae ao diabo

Que te pinte.

(V.^a N.^a de Gaia)

5)—Dez e dez?

—Vinte.

—Vae ao diabo

Que te pinte.

—Eu já lá fui

Elle num me pintou;

Diz que fosse lá

Quem me mandou.

(Campanhã)

6)—Vinte e vinte?

—Quarenta.

—Vae ao diabo

Que t'arrebenta.

(Id.)

7)—Vinte e vinte?

—São quarenta

—O teu pae burro,

A tua mãe jumenta.

(Guetim)

8) Fazemos uma apostा?
Eu a comer pão e tu bosta.
(V.^a N.^a de Gaia)

9) Fazemos uma apostinha?
Eu a comer pão e tu m....de gallinha.
(Id.)

10) Fazemos um apostão!
Tu a comer m....e eu pão.
(Id.)

11)—Trinta e cinco
Quantos o quer
Que o num chinco.
(Id.)

12)—Co'um paſaco
—Vae-se ao buracô.
—Co'um vintem,
Já se lá vae bem.
—C'um cinco reis
Num vae lá ninguem.
(Id.)

13) —Que vae buscar?
—Folhas de laranjeira.
—Onde se vende?
--Na botica.
—M....pr'a quem tanto applica.
(Arcozello)

13) Você onde vae
Co'a sua esgrabata
Esgrabeta, esgrabita,
Esgrabota, esgrabuta?
—Que lhe importa
Seu filho da páta,
Da péta, da pita,
Da póta, da p...

(Id.)

15) Era uma vez
Um porco tó, tó,
Deu um p...
Para ti só. (11)

(V.^a N.^a de Gaia)

16) Era d'uma vez
Um porco montez:
Alça-le a perna,
Mama-le os tres.

(Id.)

17) Era d'uma vez
Um porco montez,
Deu um p....
Pr'a vocês todos tres.

(Id.)

18) Tóta barota
Do olho do c.,
Quem se cag..
Fostes tu. (12)

(Id.)

19) Andorinha
Dos tarecos,
Foi ao mar
E afogou-se:
Com licença
Destes senhores,
Aqui fede,
Alguem cag... se.

(Oliveira d'Azemeis)

20) A quantos de Maio
Pariu Porto Alegre?
— P... que te pariu,
Diabo que te leve.
— Jà fui a cavallo no teu pae,
Inté Lamego,
Enchi-le a bocca de m....
E o c. de cebo:
De Lamego indiente
A cavallo em ti sempre. (13)

V.^a N.^a de Gaia)

(12) Cf. id. id. 573.

(13) Cf. id., id. 574.

21) Ora vamos e venhamos
Pela terra dos ciganos,
Um burrinho compraremos
Para andar pelos caminhos,
C.....qu'elle c....

E' p'ro' primeiro que fallar. (14)

(Id.)

22) Ora vamos e venhamos
Pela porta de Paramos,
Um burrinho encontramos,
Cagalhoeiras qu'elle c...
E' p'ro' primeiro que fallar.
Fóra eu que sou juiz:
M....de cão p'r'o teu nariz.

(Arcozello)

23) B-a-ba
Fugiu a burra,
B-a-ba
Para os Guíndaes,
B-a-ba
Roeu a corda,
B-a-ba
P'ra nunca mais.

(Carregosa)

(14) Cf. Braga—*Contos do Archipelago*
pag. 178.

24) B-a-ba

Fugiu a burra;

B-e-bé

Manquei-le um pé,

B-i-bi

Eu bem na vi,

B-o-bó

Foi p'ra casa da avó,

B-u-bu

Beija-a no c... (15)

(V.^a N. de Gaia)

25) Indo eu por'qui abaixo,

—E eu tâmem;

—Encontrei um burro morto,

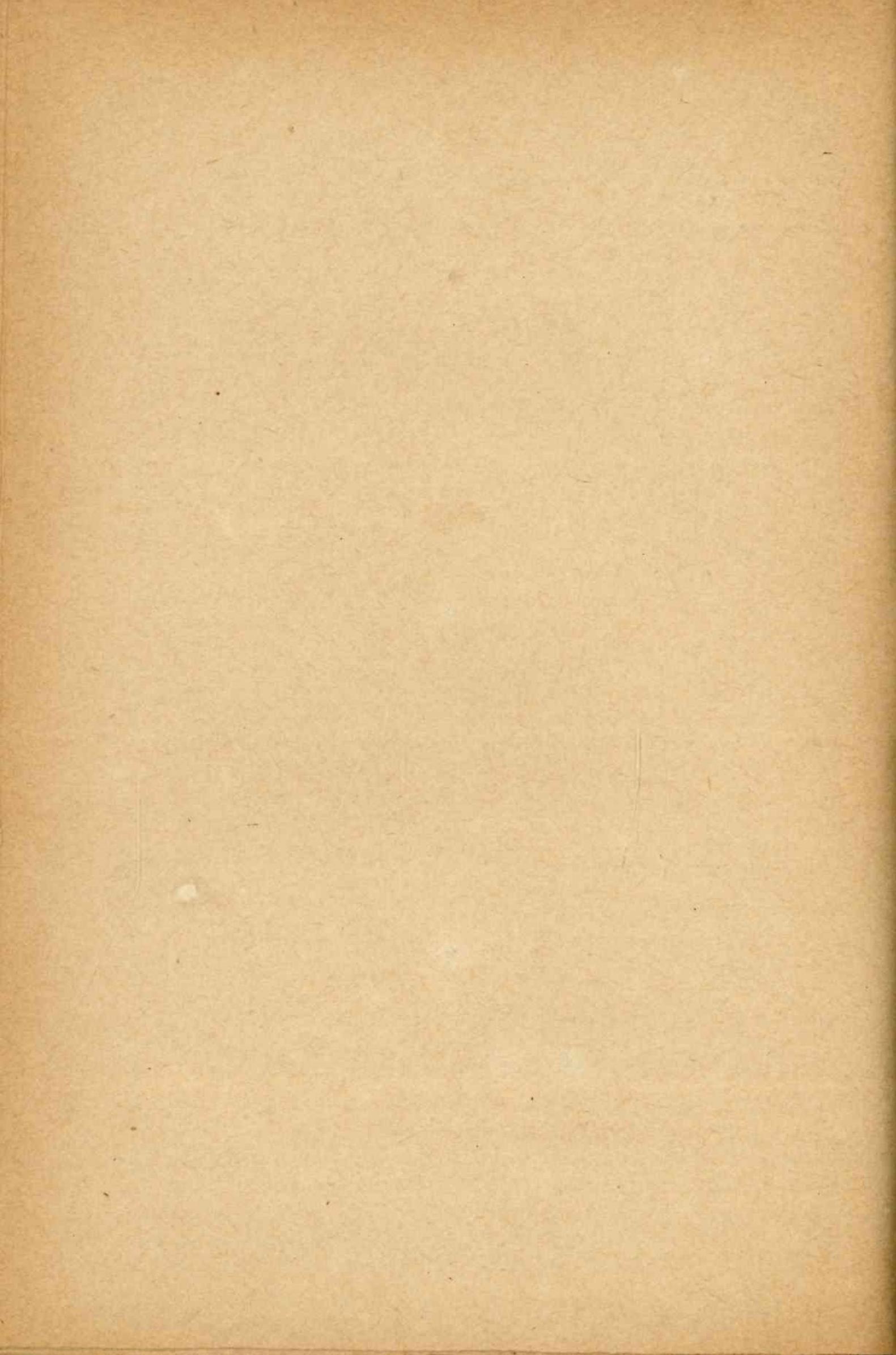
—E eu tâmem;

—Sete cães a comer nelle

—E eu tâmem.

(Id.)

(15) Cf. Vasconcellos, *Archivio* pag. 579.



I V

- 1) Padre nosso,
Comer não posso. (16) (Id.)
- 2) Ave Maria,
Comer queria. (17) (Id.)
- 3) Salve Rainha,
Rosa divina. (Id.)
- 4) Santa Maria
Ora a pronobes,

(16) Cf. id., id., id.

(17) Cf. id., id., id.

Quem comer toucinho
Qu'alimpe os bigodes.

(Id.)

- 5) Pelo signal na testa,
Não ha cegueira como esta.

(Arcozello)

- 6) Pelo signal
Santo cardeal;
Bubi binho
Fez-me mal:
Se mais me desse
Mais bubia;
Adeus compadre
Até outro dia. (18)

(Id.)

- 7) Pelo signal
Da santa tarracha
Vinho maduro
Não emborracha. (19)

(V.ª N.ª de Gaia)

- 8) Pelò signal
Do castiçal
Comi toucinho

(18) Cf. id., id., id.

(19) Cf. Vasconcellos *Tradições* pag. 253.

Fez-me mal:
Se mais me désse,
Mais comia,
Adeus compadre
Até outro dia.

(Id.)

- 9) Dominus óbisco,
Pernas de pisco.

(Id.)

- 10) Dominus óbisco.
Quebrou o loureiro
Co'o peso do pisco.

(Id.)

- 11) Santo Antonio
Nos livre do demonio.
E de más intenções,
E do caldo de feijões,
E do rabo da colhér.

.....
(Id.)

Mandamentos do gallego:

- 12) São quatro:
E' pão, e corda (20)
Caneco e sacco.

(Coimbrões)

13) Do saleiro:

Á segunda — fartura,
Á terça — inda dura,
Á quarta — iuda farta,
Á quinta — faminta,
Á sexta — passaremos,
Ao sabbado — p'ra casa iremos
Comer caldo de feijão,
Adubado com sabão,

(Carvalhos)

14) De Sevilha,

Olho que vê,
Mão que pilha. (21)

(V.ª N.ª de Gaia)

Responso da gallinha:

15) Ora quem a levou,

Levada a tenha;
E, quem sem ella ficou,
Dobrada pena le venha;
Tanto gosto tenha quem na levou,
Como quem sem ella ficou.

(Arcozello)

(20) Cf. Vasconcellos *Archivio* pag. 580.

(21) Cf. id., id.

16) Estando eu no meu altar,
Começando de prégar,
Veio um gato gadelhudo
Que me queria ajudar;
Tanto me ajudou
Qu'até ao resto m^z levou:
Eu chamei por minha māe
Que me viesse buscar.

(Id.)

17) Estando eu no meu altar,
Começando de prégar
Veio um gato gadelhudo
Que me queria ajudar:
Eu chamei por miuha avô
Ella não me quiz fallar,
Estava a assar uma vaquinha:
Eu pedi-le um bocadinho
Ella disse-me que não;
Numa banda vae S. Pedro,
Noura está S. João,
No meio está o retrato
Da virgem māe da Conceição. (22)

(Id.)

(22) Não haverá aqui confusão! Comparando com a formula anterior, que tambem me parece estar incompleta, vê-se que tem assimilada parte da oração que começa:

Quinta feira d'Endoenças,
Sexta feira da Paixão,

.....

18) Vou pregar o meu sermão
Pr'a ganhar o meu testão,
Pr'a comprar de rapé
Pr'a espalhar pelo chão.
Veio um gato gadelhudo
Co'uma espada de cortiça
Para matar a carriça:
A carriça deu um berro,
Toda a gente se espantou,
Só uma velha ficou
Co'um gato,
Embrulhado u'um sapato,
Pr'a mandar de presente
Ao abade S. Vicente,
Pr'a arranhar o c. á gente. (23)
(V.ª N.ª de Gaia)

(Fragmento)

19.....
A carriça deu um berro,
Toda a gente atormentou;
Só uma velha ficou
A apanhar caganitas de rato,

(23 Cf. Coelho in *Zeitschrift*, pg. 194; Braga in *Era Nova*. pg. 358, Vasconcellos *Archivio* pg. 577; Rodrigues d'Azevedo, *Romanceiro do Archipelago da Madeira* pg. 460.

Embrulhaads num sapato,
Para mandar dizer uma missa
Pela alma da carriça.

(Arcozello)

«Quando alguem se caza o povo,
parodiando» rito ecclesiastico, diz:

20) A favor dos cães quer casar
O Bom M. com Jumento Gonçalves,
Ambos filhos do mesmo cavallo, ello.
Se, dentro em tres dias,
Houver algum impedimento,
Attesta-se-lhe um corno
Pelo seu c. dentro.

(Id.)

21) Com favor de Deus quer casar
Repolho Antonio
Com Trinchuda Fernandes,
Seu pae Alho Mendes,
Sua mãe Alfacea Crespa,
Termo das hortas,
Freguezia das hortalices,
Se houver algum impedimento,
Sejas tu o maior burro
E o maior jumento.

(Arcozello)

22) Com favor de Deus quer casar
O filho do Braz te Metto,
Com uma filha do Affonso em ti malho
E' de bobes, è de senica é bobes,
E tu galga negra no teu..a proves;
E' de lates e bitates,
Estas tu approvado
Meu grande barbasco;
No dia do primeiro banho,
Nunca vi burro tamanho;
Com a mesma manta se cubra
O filho da mesma burra.

«Ao que elles chamam pregões»

V

1) Amanhã é domingo
Do pé do cachimbo,
Toca l'a gaita,
Repical-o sino.
O sino é d'ouro,
Bate no touro;
O Touro é bravo
Foge com o carro:
Da-le um beijinho
Debaixə do rabo.

(Id.)

2) Amanhã é domingo
Do pé do cachimbo,
Co'gallo montez
Pica na rede;
A rede é meuda
Toca na tumba;
A tumba é de barro
Toca no adro;
O adro é d'ouro
Toca no toiro
O toiro é bravo
Toca no fidalgo;
O fidalgo é valente
Mata sete homens
Na cova dum dente.

(Carregosa)

3) Amanhã é domingo
Do pé do cachimbo,
Toca na gaita
Do gato montez,
Que pica na rez;
A rez é de barro,
Repica no adro;
O adro é fino
Repica no sino;
O sino é d'ouro,
Repica no touro;
O touro é bravo,
Arrebita o rabo

Foge co'o carro,
Chega a casa
Assa-se-lhe o rabo. (24)

(Carvalhos)

(24) Cf. Braga—*Contos* pag. 177; Vasconcellos, *Archivio* pg. 577; Azevedo, *Romanceiro* pag. 472.

VI

1) Crá-cá-cá

Põe-te na pà,

Faz um bolinho

Para o manquinho.

—Quem o mancou?

«Foi a pedra.

—Qu'è da pedra?

«Está no matto.

—Qu'è do matto?

• «O lume queimou-o.

—Qu'è do lume?

«A agua apagou-o.

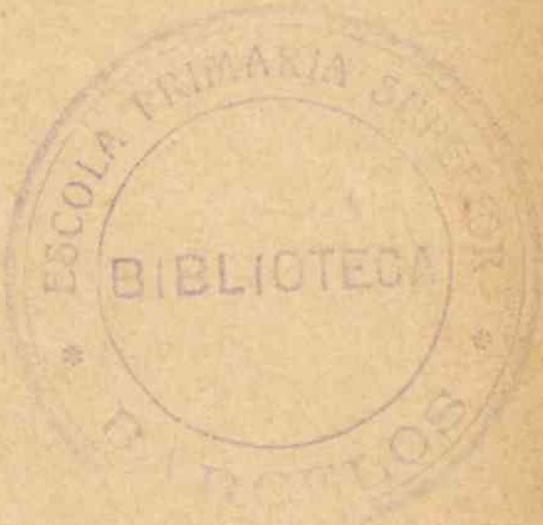
—Qu'è da agua?

«A pomba bebeu-a.
—Qu'é da pomba?
«Está a pôr ovos.
—Qu'è dos ovos?
«O padre bebeu-os.
—Qu'é do padre?
«Está a dizer a missa.
—Qu'é da missa?
«Está no altar.
—Qu'è do altar?
«Está na egreja.
—Qu'é da egreja?
—Está no seu logar. (25)

(Carvalhos)

2) Jà não quero mais camisa
Nem de linho, nem d'algodão:
Só quero as alprecatas
Do padre clarim tam, tam,
Clarim tam, tam,
Que lindo santo chrialeisão.

(25) Cf. Adolpho Coelho, *Contos Populares Portuguezes*, pag. 10. Sequeira Fer-raz, *Rimas Infantis e Populares in Tiro-*
cinio.



VII

Quando algum rapaz dá um objecto
qualquer e o torna a pedir, o que o tem,
para se esquivar de o restituir, diz:

1) Quem dá e torna a pedir,
Ao inferno vai cair;
Co'uma bola de chumbo
Vai cair ao fundo.

(V.ª N.ª de Gaia)

2) Quem dá e torna a tirar,
Vae ter ás portas do mar. (26)

(Id.)

(26) Cf. Vasconcellos *Archivio*. pag. 571.

3) Quem dá o que le dão
Faz seu pae ladrão.

(Id.)

Para mostrar que não mentem:

4) Bico de pau,
Bico de ferro,
S'eu mentir
Vá pr'o inferno. (27)

(Id.)

(27) Cf. Coelho *Revista d'Ethnologia e Glottologia* pag. 48.

VIII

Para espalhar o nevoeiro, dizem:

- 1) Corre, corre, nevoeiro,
Por detraz d'aquelle oiteiro,
Que lá vae o João gaiteiro
Co'uma cesta de dinheiro,
Uma cadelinha derrabada.
—Quem na derrabou?
«Foi o fogo.
—Qu'é do fogo?
«A agua apagou.

(Carregosa)

2) Varre, varre, nevoeiro,
Para traz d'aquelle oiteiro,
Que lá vem o Zè Ribeiro
Co'uma espada de cortiça
Para matar a carriça;
A carriça deu um berro
Que morreu toda a gente,
Só ficou uma velha
A parir um gato
P'ra levar de presente
Ao reitor de S. Vicente. (28)

(Couto de Cucujães)

Pará a chuva:

4) Chuvinha esteia, esteia,
Emquanto eu vou d'aqui á areia,
Buscar um sacco d'aveia
P'ra botar á minha vacca parideira,
Qu'está á eancella da Ribeira.

(Arcozello)

(28) Cf. Vasconcellos, *Tradições Populares de Portugal* pag. 49—Azevedo, *Romanceiro* pag. 461.

IX

Dedos:

1) O mendinho disse:
«Eu quero fazer a barba»,
O outro disse:
«Vae ao barbeiro»,
O outro disse:
«Não há dinheiro»,
O outro disse:
«Vae roubal-o»,
O outro disse:

«Alto lá». (29)

(Esmoriz)

2) O mendinho pede pão.
O outro diz que não;
O outro diz: logo será,
O outro diz: paparemos
O outro diz: arre p'ra lá.

(Carregosa)

3) mendinho,
Parceirinho,
Pae de todos,
Trinca piolhos,
Papa bolos.

(Oliveira d'Azeméis)

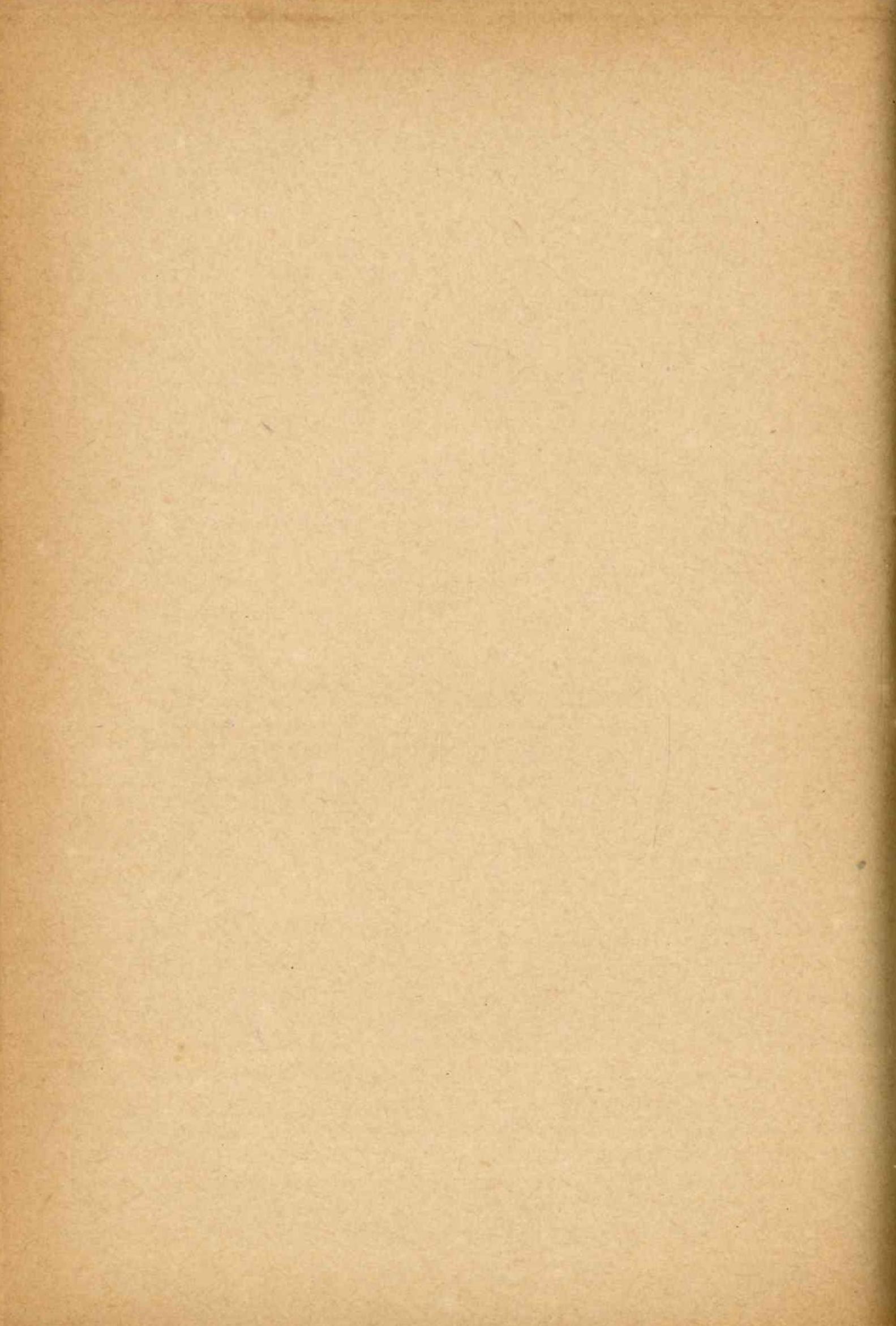
Quando se falla em éras, é vulgar responder:

No tempo das eras,
Burro eras;
No tempo do centeio,

(29) Cf. Coelho, *Zeitschrift*. pag. 195; Braga, *Jogos Populares e Infantis in Era Nova* pag. 349; Vasconcellos, *Carmina Mágica* id. id. pag. 547; Azevedo, *Romanceiro* pag. 483; Sequeira Ferraz in *Annuario para o Estudo das Trad. Pop.* pag. 63.

Botava-te o freio;
No tempo da cevada,
Botava-te a albarda;
No tempo do trigo,
Botava-te o estribo;
No tempo das amoras,
Botava-te as esporas;
Chegava ao anno.
Montava-te a cavallo.

(Carvalhos,



X

As creanças, quando dão um abraço,
dizem:

- 1) Chi do coração
Quem dá a vida?
—A' caixa do pão. (30)

(Id.)

Quando passam por cima d'outra que
esteja deitada, dizem:

(30) Cf. Ferraz, *Materiaes para o Folk-Lore portugues* in «Tirocinio»,

2) Eu t'inguiço,
Carrapiço,
Que não creças
Mais do qu'isso. (31)
(V.^a N.^a de Gai a

3) Eu t'azango,
Eu t'azango
Co'a perna
Do meu frango.
(Id.)

(31) Cf. Vasconcellos, *Romances in Zeitschrift.*

XI

Quando chove e faz sol, os rapazes,
dizem:

- 1) Está a chover e a fazer sol
Na cama do reixinol,
Reixinol é derrabado
Não tem burro nem cavallo;
Tem uma burrinha cega,
Chega d'aqui até Castella,
Até Castella e mais Meão:
Minha tia, dê-me pão
Qu'é p'ra mim e p'ro meu cão:

O meu cão não está cá,
Está debaixo do navio
A tocar o corropio. (32)

(Arcozello)

Conheço outra formula; porém, como
está incompleta, não sei se é para o mes-
mo sím.

2).....

Rouxinol é derrabado
Não tem mula nem cavallo;
Tem uma mula amarella
Que fugiu para Castella
De Castella a Castellão,
Buscar carne de cabrão,
Para o meu tio João

.....(33)

(V.^a N.^a de Gaia)

(32) Cf. Coelho, *Romances in Zeitserift*.

(33) Cf. Vasconcellos, *Tradições* pag.
55; Alvaro d'Azevedo *Romanceiro da Madei-
ra*.

XII

E' vulgar quando se encontra alguém a almoçar cedo, dizer: "Já a almoçar!inda é tão cedo!" Ao que alguns respondem:

- 1) Não qu'almoçar cedo
Faz crear carne e cebó;
E o almoçar tarde
Não cria cebó nem carne.

(Id.)

A's creanças que não querem comer:

- 2) Come, rapaz,
P'ra casares,

P'ra teres filhos,
P'ra mandares.

(Arcozello)

3) O almoço quer-se cedo,
O jantar abrevido
A merenda que não esqueça,
Na ceia tenha cuidado.

(Id.)

4) Ao almoço
Chucha um osso;
Ao jantar,
As bordas d'um alguidar;
A' merenda,
Um piolho co'uma lendea;
A' ceia,
Morrões de candeia.

(Id.)

5) Ao almoço me dão peras,
Ao jantar peras me dão
A' merenda pão com peras,
A' noite peras com pão.

(Carregosa)

6) Barriga cheia,
Pé dormente:
Vou-me deitar
Qu'estou doente.

(Arcozello)

7) Quem no meio do caldo bebe vinho,
Depois de velho torna a menino.

(V.^a N.^a de Gaia)

8) Leite sobre vinho
Faz o homem menino.

(Arcozello)

9) Vinho sobre leite
Faz a cama que te deite.

(Id.)

10) O seu filho muito come?!

«Não qu'elle já é home!

—O seu filho pouco faz?!

«Não qu'elleinda é rapaz!

(Coimbrões)

XIII

Quando os cães se roçam pela gente,
diz-se:

1) Fóra, cão,
Não m'apegues a lã;
Fóra camêllo,
Não m'apegues o pêllo.

(Arcozello)

2) Nariz de cão,
C. de gente,
Pé de gato;
Nunca está quente.

(Id.)

XIV

As mães, para divertirem os filhos,
quando são pequenos, poem-nos a caval-
lo nos joelhos e dizem:

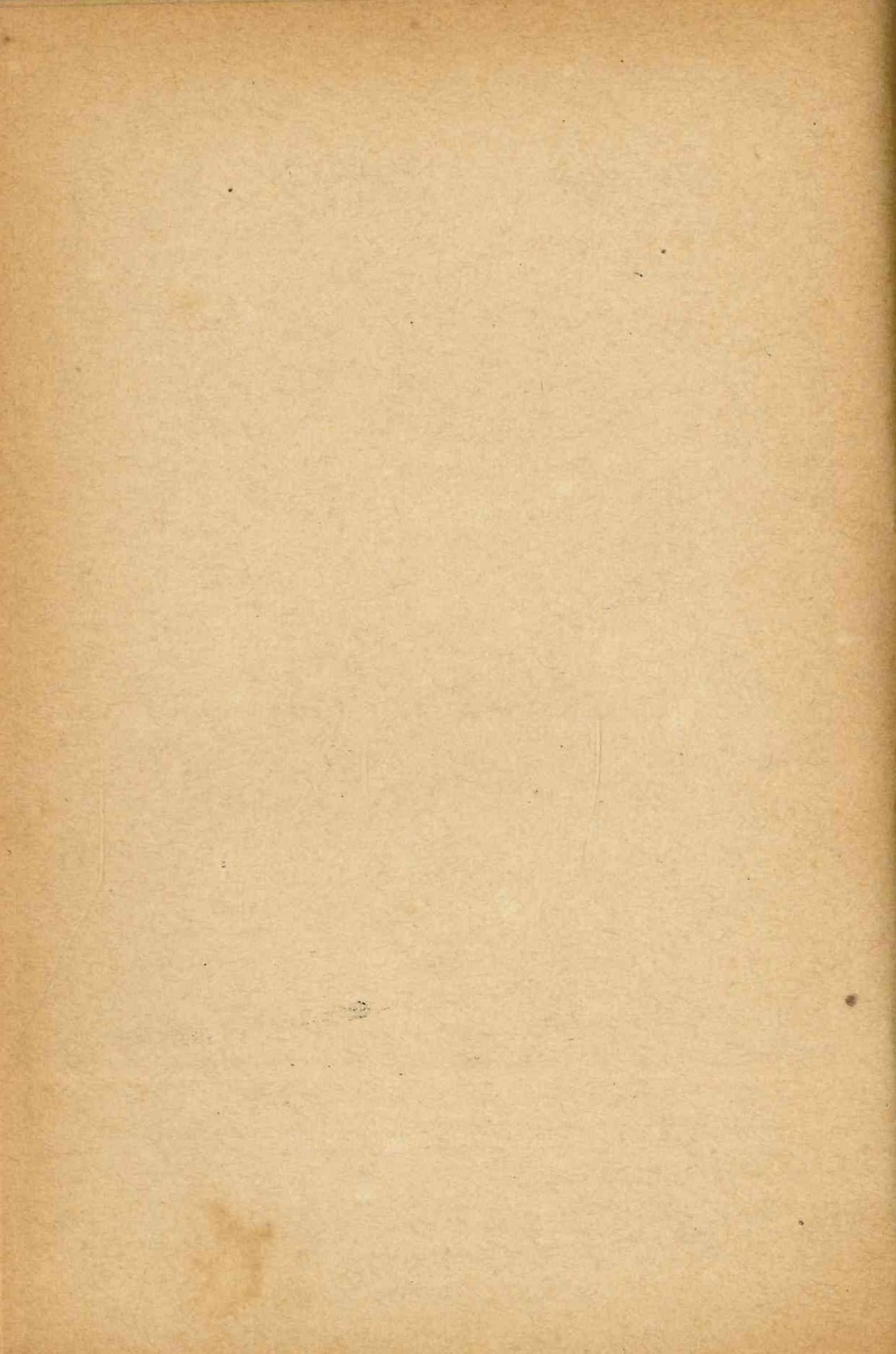
1) Arre, burrinho,
P'ra casa do padrinho,
Levar o azeite,
Trazer o vinhinho.

(Carvalhos)

2) Arre, burrinho,
P'ra casa do padrinho,
Comer o folar
Beber o vinhinho. 34)

(Id.)

(34) Cf. Ferraz, *Rimas in Tirocinio*.



XV

1) Debaixo da ponte.
Está minha avó,
Co' cabello branco
Cheio de pó.

(Arcozelio)

2) Debaixo da ponte
Está Serafina,
Cozende na saia
Para a Joaquina.

(Id)

3) Debaixo da pipa.

Está uma pita;

A pipa pinga

A pita pia.

(V.ª N.ª de Gaia)

XVI

1) Por aquella serra acima,
Vinte e cinco cegos vão;
Cada cego tem seu moço,
Cada moço tem seu cão;
O cego dá pão ao moço.
O moço dá pão ao cão.

(V.^a N.^a de Gaia)

2) Assim como a pega
Papa a fava,
Porque não papa
A fava a péga?

(Id.)

3) Trabalhar, trabalhar
Todos trabalharão:

Todos sim; mas nenhum não,
Como o dono do furão.

(Arcozello)

4) Esta barba, barbadeira,
Esta boca comedreira,
Este nariz narigote,
Estes olhos de piscote,
Esta testa de panella,
Vamos a jogar com ella. (35)

(Id.)

(35) Não serão estes versos a formula, ou
fragmento, d'um jogo?

XVII

E' vulgar entre a gente pouco educada, quando se zangam, dizer: «Vá á p... que o pariu!» Ao que o outro responde:

A p... que me pariu
E' mais honrada qu'a tua,
A minha pariu na cama,
A tua pariu na rua;
A minha comeu gallinha,
A tua sardinha crua;
A minha comeu caldo de nabos,
E a tua de diabos.

(Arcuzello)

XVIII

1) Eu tenho um cãozinho,
Chamado tó, tó.
Corre a cidade toda,
C' o uma perna só. (36)

(Arcozello.)

2) Eu tenho um cãozinho
E vossê tem dois,
O mais pequenino
Já me olha os bois.

(Id.)

(36) Cf. Vasconcellos, *Tradições* pg. 169.

3) Eu tenho um cãozinho
E vossê tem quatro,
O mais pequenino
Já vae ao buraco.

(Id.)

4) Eu tenho um cãozinho
E vossê tem cinco,
O mais pequenino
Já me dá um brinco.

(Id.)

5) Eu tenho um cãozinho
E vossê tem seis
O mais pequenino
Já canta os reis.

(Id.)

6) Eu tenho um cãozinho
E vossê tem sete,
O mais pequenino
Já come molete.

(Id.)

7) Eu tenho um cãozinho
Chamado Cupido,
Corre a cidade toda
Com o rabo irguido.

(Id.)

À sahir do prélo:

—*—

“*Ensaios ethnographicos*,, por
J. Leite de Vasconcellos.

“*Folk-lore Lanhozense*,, de Al-
bino Bastos.

“*Demosophia*,, de Soeiro de
Brito.

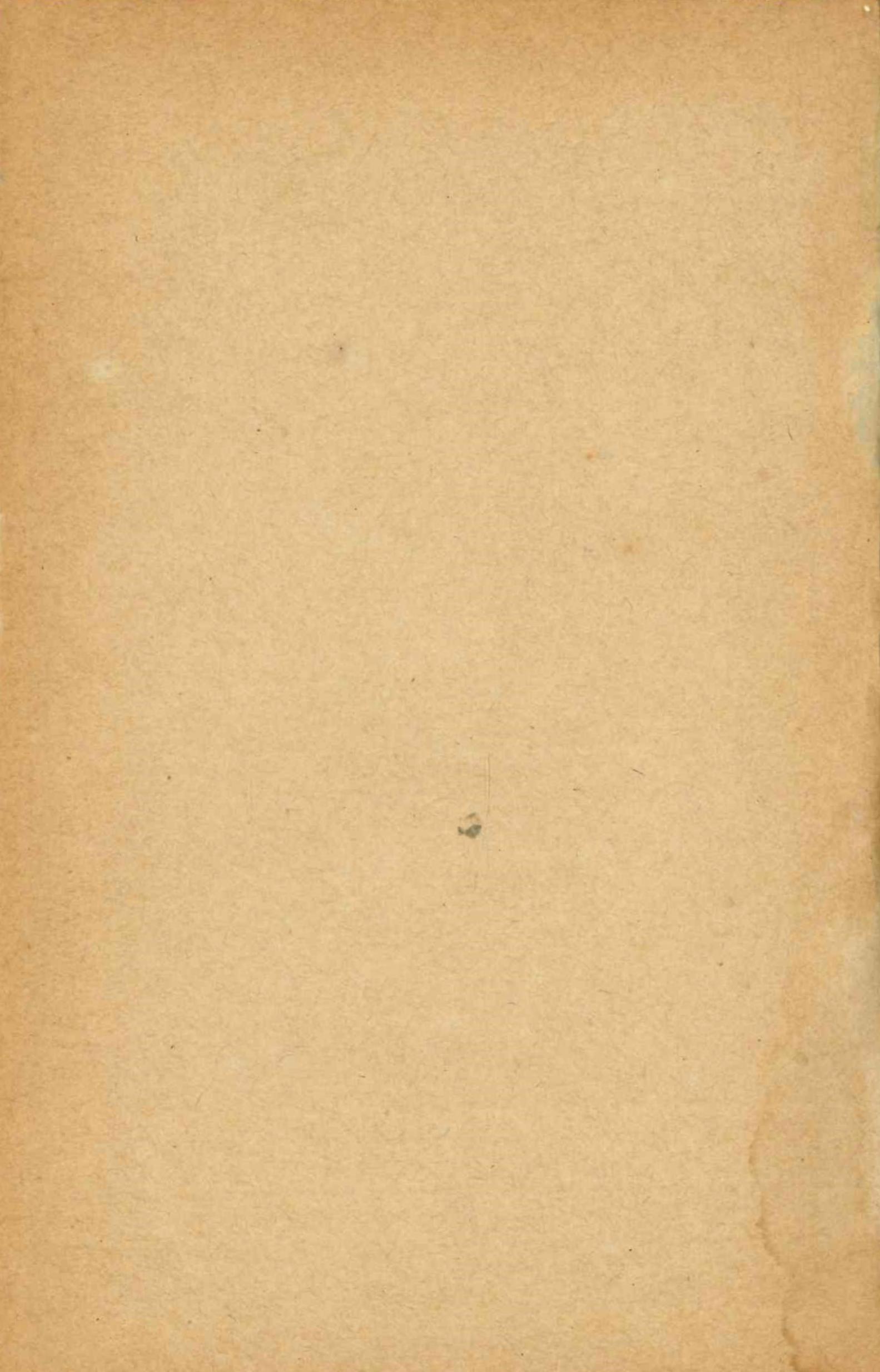
À entrar no prélo:

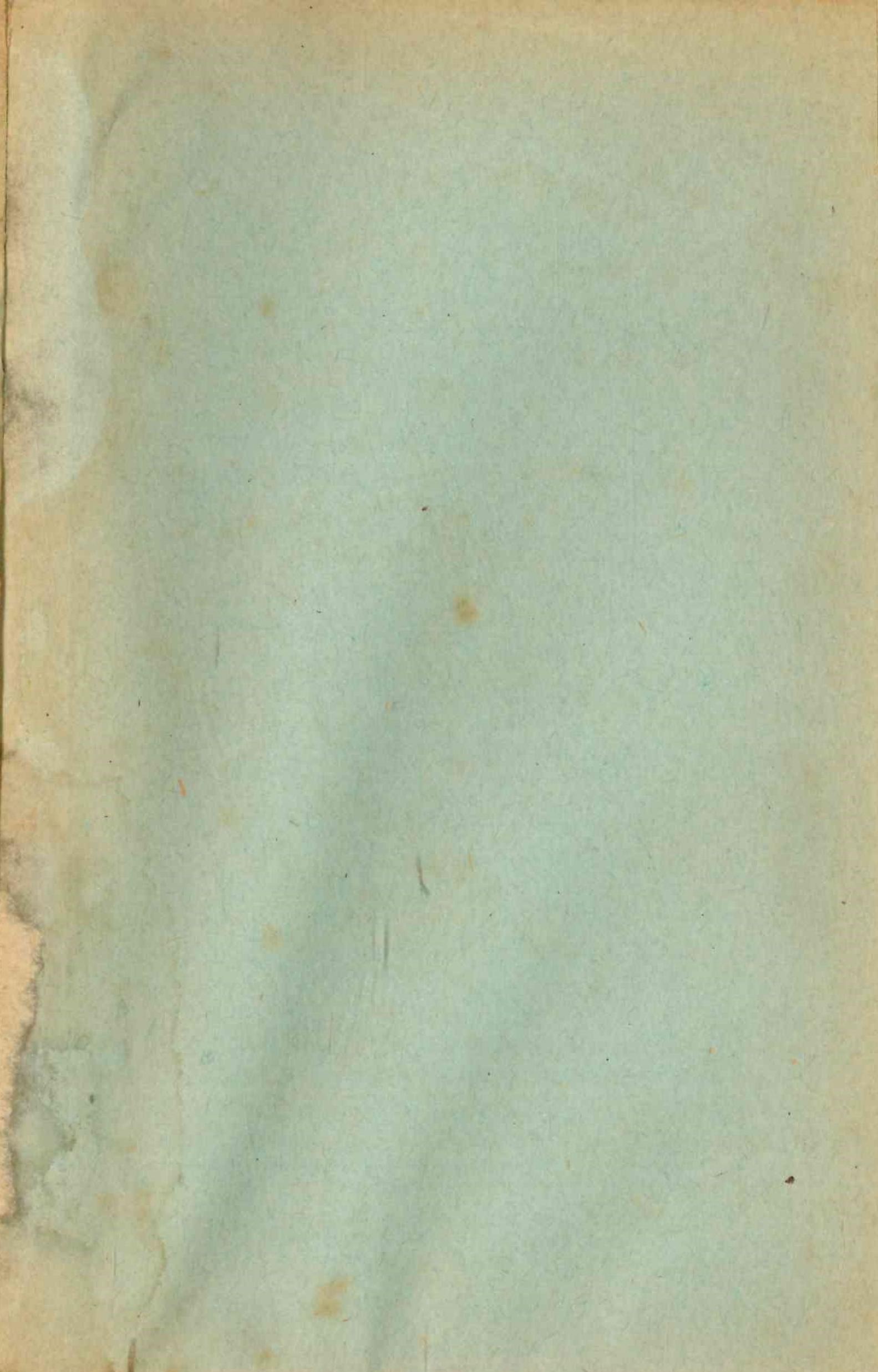
“*Ensaios ethnographicos*,, por
J. Leite de Vasconcellos, III volu-
me.

«*Folk-lore Vimaranesse*», por
D. Leite de Castro.

Em preparo:

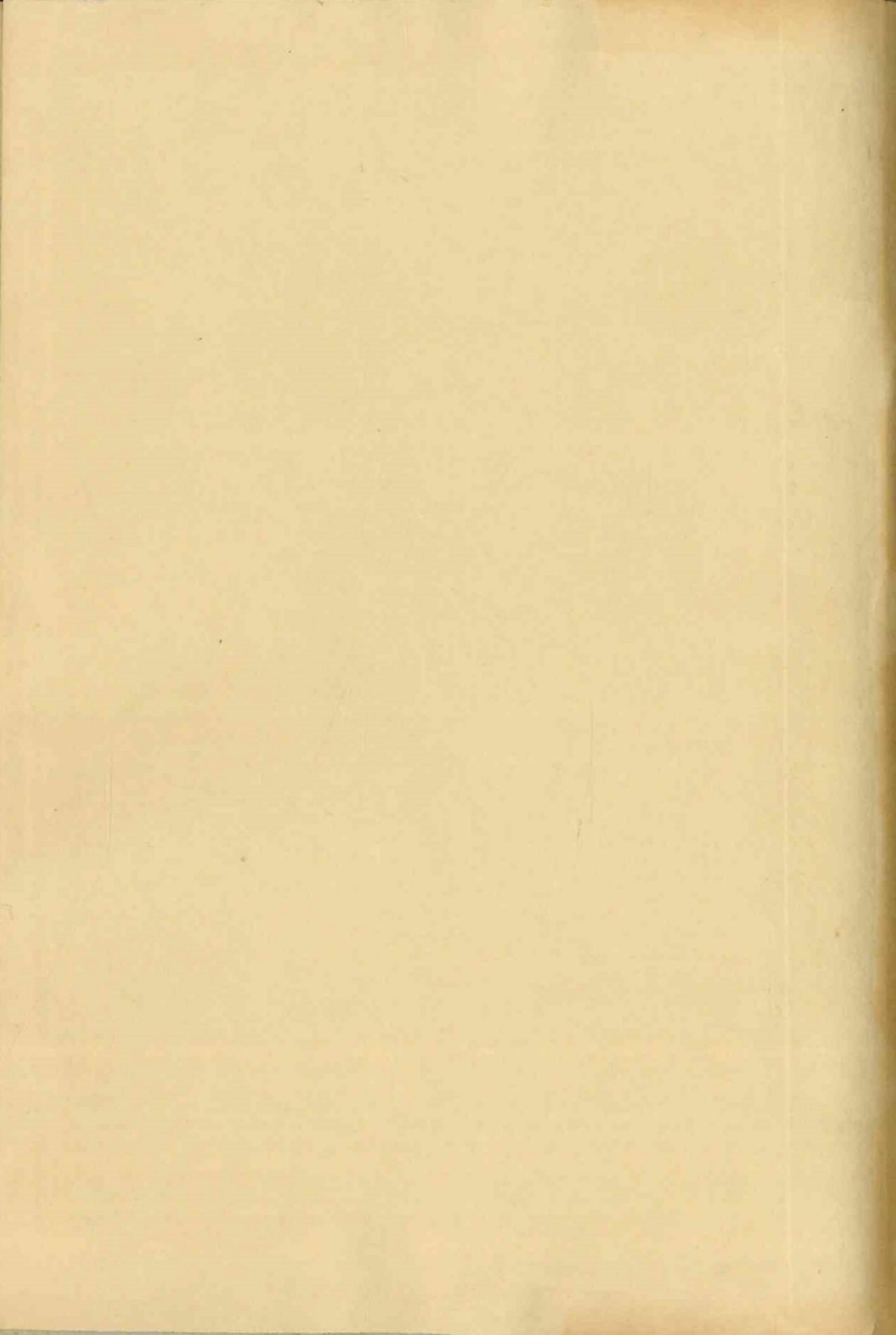
Diversas obras que iremos men-
cionando.

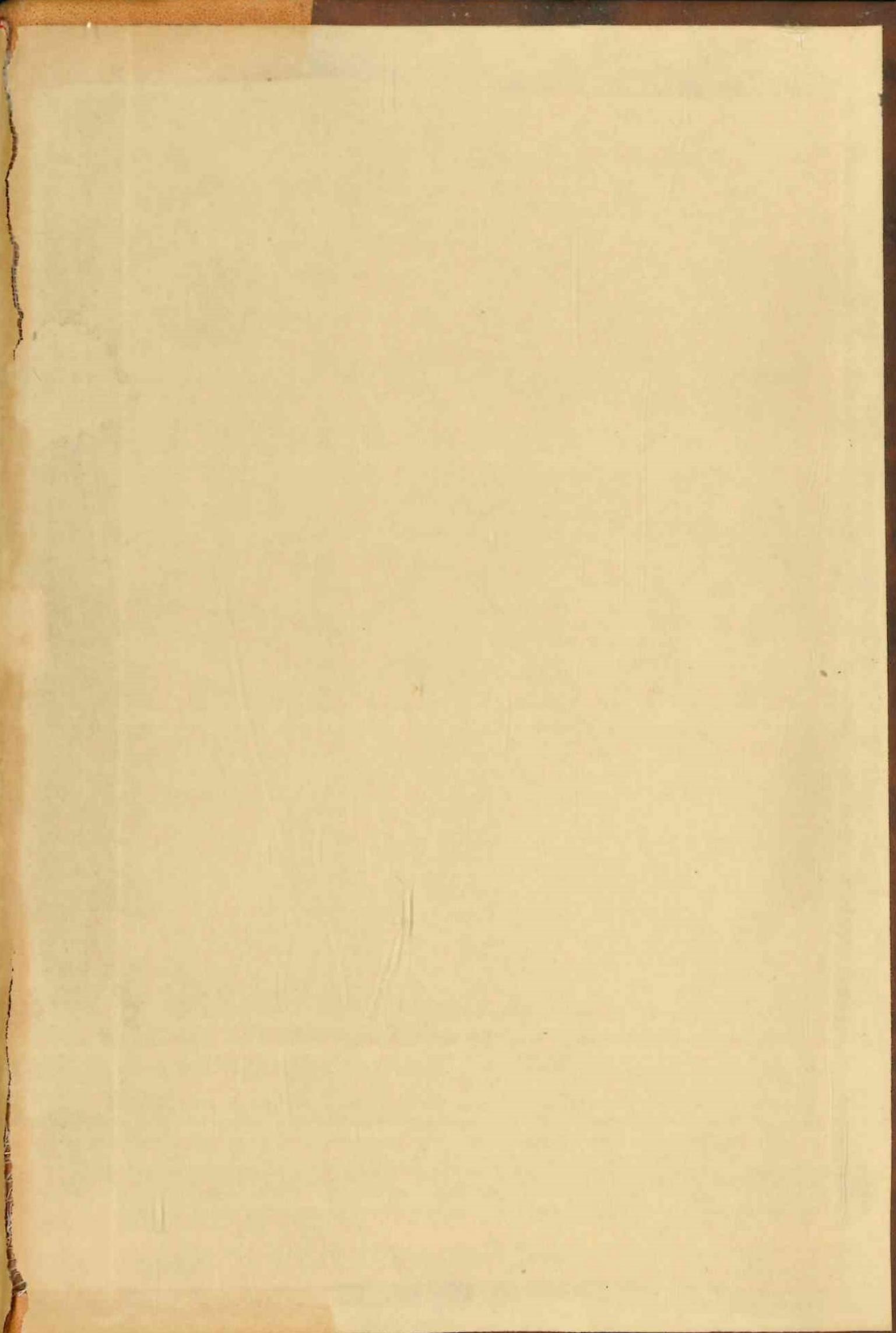












biblioteca
municipal
barcelos



3451

Tradições Populares do
Província do Douro